

ESTADO MÍNIMO: ESFORÇO MÁXIMO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

MÁRCIA REGINA BÜLL *

Enquanto dentro dos museus e centros culturais se cultua um passado sacralizado ou um presente embalado no cristal líquido da novidade, ao redor os serviços públicos fenecem, as possibilidades de promoção social se apagam, o espaço urbano se degrada, os empregos evaporam e as comunidades se dilaceram, flageladas pelo desemprego, pelas drogas e pela criminalidade. (Sevcenko, 2001)

O ideal seria uma boa e honesta revolução, uma revolução vertical e que trouxesse à tona elementos mais vigorosos, destruindo para sempre os velhos e incapazes. (Holanda, 2004)

INTRODUÇÃO: O SURGIMENTO DE NOVOS ATORES SOCIAIS – SÉC. XX E XXI

Um dos fenômenos de relevância e que merece ser estudado, ocorrido na segunda metade do século XX e início do XXI foi o crescimento notável do denominado Terceiro Setor, composto pelas instituições sem fins econômicos – aí compreendidas as fundações e associações de cunho altruísta.¹² Grande número de empresas adotaram a bandeira da “responsabilidade social corporativa” e incorporaram aos seus produtos etiquetas e selos solidários (*marketing social*) envolvendo-se em projetos educacionais, culturais, de meio ambiente, e de assistência social (atendimento ao idoso, ao trabalhador, à saúde, dentre outros). Crescente também o número de voluntários nessas atividades. Os apelos à população e aos empresários multiplicaram-se, em demandas por doações, quer seja de recursos humanos (tempo e mão de obra), quer seja de recursos materiais para propiciar sustentabilidade aos projetos desenvolvidos.

Na busca de razões para o surgimento desse acontecimento social foi constatado que uma das principais causas do verdadeiro “boom” das organizações sociais nos últimos tempos deveu-se, como afirma Montagnô (2002:14-15), à precarização do Estado, qual seja, a retirada paulatina da responsabilidade estatal quanto ao trato da “questão social” .

* Professora da cadeira de Direito do Terceiro Setor do Curso de Pós Graduação “Lato Sensu” da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Presidente da ONG Ação ética & Cidadania , Chargé de Mission France Brésil junto à ONG Action éthique & Citoyenneté em Poitiers- France, e Advogada em São Paulo.

¹ Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE- Estudos e Pesquisas – Informação Econômica -As Fundações Privadas e Associações sem fins lucrativos no Brasil 2002, Rio de Janeiro:IBGE,2004

² As associações, no conceito da Jurista Doutora Maria Helena Diniz, em sua obra *Curso de Direito Civil Brasileiro*, ou são egoístas ou altruístas. Essas últimas são voltadas para a comunidade enquanto aquelas são voltadas apenas aos seus associados (como os clubes, associações de filatelistas, dentre outros)

Esse, Terceiro Setor, poético para alguns, de idealismo, voluntário, muitas vezes imbuído de religiosidade (amor-caridade, vg. as associações confessionais) possui, em seu pano de fundo, a reforma neoliberal do Estado e das relações capital / trabalho. Nesse sentido, Feijó (2003) destaca:

De um lado, um Estado em crise, realmente sem recursos para contemplar o mínimo que se compromete, gerando uma perigosa nostalgia pelo Estado provedor, que tudo controlava e tudo dirigia, como nos limites das experiências de triste memória, porque totalitárias, do nazismo e do stalinismo. Mesmo assim, brechas têm sido abertas, leis de incentivo têm sido utilizadas adequadamente, instituições sérias têm surgido, organizações não governamentais têm dado sua contribuição. (Feijó, 2003)

Particularmente no Brasil, durante e após o contexto ditatorial, a sociedade civil organizada (sob diversas denominações: ONGS³, Terceiro Setor⁴, Associações⁵, Instituições⁶) passou a constituir o *locus* privilegiado das lutas sociais e de classes pela hegemonia.

Em outras palavras: O denominado Terceiro Setor assumiu funções públicas do Estado “esvaziado”, sem possuir suficientes recursos e estrutura para passar a interagir com o próprio Estado, com o empresariado e com a sociedade civil (comunidade) em prol dos Direitos Fundamentais, em Defesa das Minorias, da Diversidade Cultural, da Educação, do Patrimônio Histórico, enfim, tudo o que diz respeito à Cidadania e desenvolvimento sustentável em um Estado Democrático de Direito conforme os ditames de nossa Carta Constitucional de 1988.

Pesquisas dos idos de 1995, levadas a efeito em uma ampla gama de contextos confirmaram que as normas e redes de engajamento cívico (rebatizadas de capital social) podem melhorar a educação, diminuir a pobreza, inibir o crime, incentivar o desempenho econômico, promover um governo melhor e até reduzir a mortalidade (Putnam , 1995)

³ ONG -Organização não Governamental é um nome “importado” do inglês (Non Governmental Organization) “ O termo surge pela primeira vez em documentos das Nações Unidas, nos finais dos anos 40, aludindo a um universo extremamente amplo e pouco definido de instituições. Em 1945, na Ata de Constituição das Nações Unidas, já se faz menção a Organizações Não Governamentais com as quais o Conselho Econômico e Social da ONU poderia estabelecer consultorias (Nações Unidas, 1977:1).”

⁴ O Terceiro Setor não é um termo “neutro”- tem nacionalidade clara. De procedência norte americana (Landim, 1999:63). Surge nos estados Unidos, em 1978, com John D. Rockefeller III. “Nós, americanos, sempre nos orgulhamos da vitalidade de nosso País. No entanto, freqüentemente deixamos de reconhecer uma das principais razões de nossa vitalidade : o fato de que desenvolvemos, no decorrer dos mais de dois séculos de nossa existência, um notável sistema de três setores (*three sector system*) (...)”(Montagnão, 2002) Ao Brasil chega por intermédio de um funcionário da Fundação Roberto Marinho (Ioschpe, 1997:II)

Representa um constructo ideal que, antes de esclarecer sobre um “setor” da sociedade, mescla *diversos* sujeitos com aparentes igualdades nas atividades, porém com interesses, espaços e significados sociais diversos, contrários e até contraditórios.

⁵ Associação é a forma pela qual certo número de pessoas, ao se congregarem, colocam, em comum, serviços, atividades e conhecimentos em prol de um mesmo ideal, objetivando a consecução de determinado fim, com ou sem capital e sem intuítos lucrativos. (Diniz, 2002)

⁶ As denominadas Instituições inexistem formalmente, são constituídas por Associações ou Fundações ou em Organizações Religiosas (mantenedoras), portanto trata-se apenas de um nome atribuído, por tradição história , sobretudo às Organizações Educacionais, Culturais e de Pesquisa.

Nesse sentido, a vida associativa constitui, por um lado, um termômetro da própria democracia, –“ *dans les pays démocratiques, la science de l’association est la science mère, le progrès de toute les autres dépend du progrès de celle là*”- como bem destacou o pensador francês ,Alexis de Tocqueville ⁷ que, em 1830, visitou os Estados Unidos e constatou a importância das associações para viabilizar a condução da democracia pela sociedade (“Que potência política poderia levar a cabo a vasta multidão de empreendimentos menores que os cidadãos americanos desempenham diariamente, com a ajuda do princípio da associação?”). Nessa ocasião, publicou sua obra “*La Démocratie en Amérique*”.

De fato, as associações desempenharam e desempenham importante papel para a democracia também no Brasil. Por outro lado, o sem número de associações que aqui se formaram são conseqüências das imensas lacunas, que deveriam ter sido preenchidas pelo próprio Estado (de Direito Democrático), o qual constitui o mote que compele a sociedade civil a organizar-se e exigir que esse Estado faça o que não pretende fazer.

Podemos dizer, apenas a título de esclarecimento, que o próprio tratamento dado às denominadas Organizações Sociais pelo Estado brasileiro é diferente de outras localidades do globo.

Inexiste um espaço privilegiado no Estado para essas organizações, como se contempla na Europa, por exemplo, onde a denominada “Vida Associativa” conta com suporte amplo e ágil por parte da máquina pública. Trata-se de uma questão de cultura, de organização política voltada para a cooperação, talvez decorrentes do socialismo-democrático e da própria História permeada por guerras, que acabou por unificar o povo em auxílios-mútuos.

Em nosso caso, as Organizações Sociais, a princípio, eram vistas como “comunistas” e perigosas ao poder. No imediato pós - ditadura, continuaram a ser temidas ganharam voz na sociedade, mas deveriam ter se mantido nessa posição até os dias atuais, uma vez que os responsáveis pelos assassinios, fechamento de núcleos de saber, como no

⁷ Tocqueville foi um dos muitos viajantes do século XIX que, tal como Alexander Von Humboldt e Charles Darwin, contribuíram para que os europeus compreendessem melhor o Novo Mundo. Ele era um juiz assistente de 25 anos, ansioso para estudar o funcionamento da **democracia**, quando arranhou uma comissão não remunerada do governo francês para pesquisar as condições das prisões norte-americanas. Financiados por suas famílias, Tocqueville e um amigo percorreram o jovem país durante nove meses, viajando a cavalo, em diligências e vapores, avançando para o sul até Nova Orleans e para oeste, até Sault St. Marie, em Michigan. Ao voltar, Tocqueville publicou sua obra clássica **Democracia na América**, de sucesso imediato entre os círculos políticos europeus que debatiam calorosamente sobre liberdade e despotismo após a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas.

caso documentado por Wladimir Carvalho quanto à UNB - Universidade de Brasília⁸ mantiveram-se em cargos públicos, como ainda remanescem alguns em funções diversas espalhadas pelo Brasil afora, tanto que muitos dossiês não foram abertos, muitas situações não se viram esclarecidas.

No entanto, de opositoras, investigadoras e exigentes de respostas, as Organizações Sociais transformaram-se em “prestadoras de Serviços”, “terceirizadas” do Estado, funcionárias mal pagas por convênios, lidando com o marginal : tudo o que ficou à margem das políticas públicas caiu literalmente “no colo” da sociedade civil que, passivamente, assume o **passivo**: humano, econômico, ambiental, com todos os seus impactos.

Assim, ao invés de símbolo de luta pelos direitos sociais, tornou-se uma espécie de “amortecedor” (MONTAGÑO, 2002) entre os movimentos sociais e o Estado, onde não existe mais a figura da reivindicação, mas sim do pedido e da negociação entre parceiros, o que acaba por criar dependência do Estado e também do Mercado (financiamentos empresariais a projetos). Estabeleceu-se assim uma relação de “cordialidade”.

As obrigações do Estado para com os seus constituintes passaram para as entidades sociais e empresas que, por sua vez, acabam por esperar, do próprio Estado, o financiamento, as benesses fiscais (renúncias fiscais destinadas a projetos relacionados à cultura, à educação, à pesquisa, à produção cinematográfica, dentre outras – Lei Rouanet, Mendonça, e quetais).

De certa forma nos tornamos “pedintes” e nos sentimos “felizes” quando o Estado nos contempla com algumas parcas migalhas que alimentarão o nosso povo com algumas gotas de cultura.

Mesmo dentro desse contexto e, a duras penas, as Organizações Sociais (em sentido lato) têm conseguido desenvolver ações de valor.

Diante de situações de alta complexidade (multifacetadas, de múltiplos interesses) que envolvem reflexões profundas de caráter científico: histórico-cultural, econômico, político, dentre outros, as Organizações Sociais têm buscado meios para instrumentalizar as ações a serem adotadas, em caráter de urgência.

⁸ Barra 68- Wladimir de Carvalho - Documentário
Domínios de Linguagem V - 2005
ISBN: 85-7651-025-1

Como consequência do que já denominamos aqui de “esvaziamento” do Estado, a Educação, que é o nosso foco principal, em diálogo com a História da Cultura, sofreu consequências desastrosas no Brasil ... Aliás, como todas as Instituições de Governo inchadas e erodidas pelo nepotismo, corrupção, discursos políticos de governo e institucionais, distantes e incompatíveis com as práticas levadas a efeito. Quanto a estes discursos políticos, Citelli (2005) salienta que se tratam de (...) *fórmulas de linguagem retomadas e incorporadas à ordem do discurso político e que cumprem a função rápida de aproximação com o público: “o analfabetismo tem que ser erradicado” !* (Pergunta-se: Quais as ações?)

Convém salientar que, tanto as chamadas, ainda que de forma imprópria, Organizações Não Governamentais (vide nota 3), como o setor empresário , e ainda o próprio Estado, encontram-se , por assim dizer, “no mesmo barco”, rodeados por crises por todos os lados. O povo pouco participa de movimentos sociais. E, quando participa, “vira carnaval”, “batucada”, acaba em cerveja, e depois em “delegacia”. A participação nas políticas públicas, da dialógica com o Estado, no dia-a-dia, é ainda incipiente. O povo ainda tem que aprender a participar, aprender a dialogar com seus interlocutores sociais, o que não constitui tarefa fácil.

A BURRICE É UMA CICATRIZ⁹

Pergunta-se: Como praticar o que não se aprendeu? Como dialogar com o Estado se a educação para a cidadania foi inexistente? E como modificar indivíduos formados mediante educação repressiva, autoritária? Horkheimer (1985:235) descreve as reações de um caracol, com suas antenas (seu símbolo de inteligência), ao se deparar com obstáculos, comparando-o ao indivíduo :

“A burrice é uma cicatriz. Ela pode se referir a um tipo de desempenho entre outros, ou a todos, práticos e intelectuais. Toda burrice é parcial de uma pessoa designa um lugar em que o jogo dos músculos foi, em vez de favorecido, inibido no momento do despertar. Com a inibição teve início a inútil repetição de tentativas desorganizadas e desajeitadas. (...). Essas cicatrizes constituem deformações. Elas podem criar caracteres, duros e capazes, podem tornar as pessoas burras – no sentido de uma manifestação de deficiência, da cegueira e da impotência, quando ficam apenas estagnadas, no sentido da maldade, da teimosia e do fanatismo, quando resolvem um câncer em seu interior. A violência sofrida transforma a boa vontade em má. “

⁹ (Horkheimer , 1985)

Essa cicatriz, impingida aos brasileiros ao longo do tempo, e pelas seqüelas que permaneceram do arcaísmo e todos os seus “ísmos” (“tenentismo”, “coronelismo”, “cunhadismo”, “bacharelismo”, “clientelismo”...) anseia por mudanças.

Como minimizar a “cicatriz”? Como não gerar novas “cicatrices”? Em nosso entender, o Terceiro Setor, embora fruto de um plano, por assim dizer, neo-liberal-democrático, e também imerso nas complexidades da cultura brasileira, portanto com iguais problemas, constitui uma de nossas esperanças para uma transformação da realidade social dentro da Educação.

O TERCEIRO SETOR NA EDUCAÇÃO - PROCESSO PEDAGÓGICO INCLUSIVO.

Nesse contexto, um tanto quanto pouco esclarecido e até mesmo “inconscientizado” pela população em geral, voluntários e contratados envolvem-se nas organizações sociais que receberam e/ou avocaram para si múltiplas atividades adaptando-se às demandas das diferentes comunidades em projetos extremamente criativos e originais: educadores de rua (para atender crianças e adolescentes em situação de risco), contadores de histórias em hospitais (vg. Doutores da Alegria recuperando pacientes mediante atividades lúdicas, pelo contato humano e alegria), acompanhantes de pacientes com problemas mentais (“Angels”) chegando até à montagem de peças teatrais com esses indivíduos (ATUA- PUC.SP), arte - educação para idosos, dentre muitos outros.

A escola tradicional, em sentido amplo, muito ganhou com a participação do Terceiro Setor nas atividades Educacionais, um amplo terreno de investigação científica: projetos de caráter multi e interdisciplinar envolvendo diferentes profissionais, cada qual com sua *expertise*, acrescenta dados, ao que podemos denominar de **processo pedagógico inclusivo** a partir de sua sensibilidade, interação com os indivíduos em processo contínuo de observação e criação particular.

Nesse cenário, das necessidades sociais, foram inventadas novas formas de transmitir o conhecimento, de motivar os indivíduos para a aprendizagem, de interagir com a comunidade promovendo o desenvolvimento humano em verdadeiro **processo transformador**.

Quanto ao aspecto de interação com a comunidade, pesquisadores americanos descobriram que as escolas bem-sucedidas distinguem-se menos pelo conteúdo de seus currículos ou pela qualidade de seus professores do que por seu engaste numa trama mais ampla de famílias e comunidades de apoio. Estudiosos e profissionais preocupados com a

pobreza urbana e o desemprego também enfocaram de modo semelhante o papel das redes e normas comunitárias (Putnam,1992).

Verifica-se que o denominado Terceiro Setor, desde há muito envolvido com a comunidade (as primeiras entidades sociais que se tem notícia datam do ano 1050 DC¹⁰ - Cruz de Malta ¹¹, dentre outras), tem vocação à formação de redes e à criação de canais de comunicação com todas as faixas sociais, e a participação da comunidade é imprescindível para superar os processos de exclusão, sendo que “já existem tendências que possibilitam uma educação igualitária que já são uma realidade em algumas práticas educativas. (Flecha e Tortajada, 2000).

Esses novos atores sociais do processo educativo, ou processo pedagógico, utilizam-se de elementos da micro-história e da cultura local para construir e reconstruir cidadania adotando múltiplos métodos.

Nessa esteira, podemos dizer que o Terceiro Setor possui importante função como um dos agentes transformadores da sociedade – esse é o seu objetivo e tem sido alcançado ainda que os resultados práticos ainda não estejam devidamente compilados no Brasil.

A EDUCAÇÃO PRATICADA PELO TERCEIRO SETOR EM NÚMEROS

Em números, verificou-se que, de acordo com os últimos dados do IBGE (2004), as instituições filantrópicas ocupando-se de “Educação e Pesquisa”, como sua atividade fim, cresceu, em seis anos (1996-2002) 114% (cento e quatorze por cento). Foram registradas

¹⁰ A Ordem de Malta é uma das mais antigas instituições humanitárias em atividade no mundo. Foi criada em Jerusalém, no século XI, para dar assistência a peregrinos e doentes, tendo ali edificado seu primeiro hospital. A Ordem de Malta é reconhecida como Estado Soberano por mais de noventa países, inclusive o Brasil, mantendo relações diplomáticas em nível de Embaixador. Possui representação na OMS e é observadora permanente junto à ONU.

¹¹ El nacimiento de la Orden se remonta aproximadamente al año 1050. Según las crónicas, algunos mercaderes de la antigua república marinera de Amalfi obtuvieron del Califa de Egipto el permiso para construir en Jerusalén una iglesia, un convento y un hospital en el que asistir a los peregrinos de cualquier fe o raza. La Orden de San Juan de Jerusalén - la comunidad monástica dedicada a la gestión del hospital para asistencia a los peregrinos en Tierra Santa - se hizo independiente bajo la dirección del Beato Gerardo. Con la bula del 15 de febrero de 1113, el Papa Pascual II aprobó la fundación del Hospital y lo puso bajo la tutela de la Santa Sede, con derecho a elegir libremente a los superiores, sin interferencia de otras autoridades laicas o religiosas. En virtud de aquella bula el Hospital se transforma en Orden exenta de la Iglesia. La constitución del reino de Jerusalén, por obra de los Cruzados, obligó a la Orden a asumir la defensa militar de los enfermos, de los peregrinos y de los territorios conquistados por los cruzados a los musulmanes. La Orden pasó a ser religiosa y militar a la vez. Todos los caballeros eran religiosos, ligados por los tres votos monásticos, de pobreza, de castidad y de obediencia. Con el tiempo, fue adoptada la cruz octagonal blanca que, todavía hoy, es el símbolo sanjuanista. A la misión hospitalaria se sumó el deber de la defensa de la Cristiandad. Fonte : <http://www.orderofmalta.org/> acesso aos 13 de julho de 2005.

17.493 entidades dedicadas a esse segmento, sendo 7 968 voltadas ao Ensino Fundamental e 1.656 focadas na Educação Superior, dentre outras aí incluídas as de formação profissional. Também se verificou que Cultura e Arte, por sua vez, contou com um aumento percentual de 200,5% (duzentos e meio por cento), passando de 3.543 instituições (dados de 1998) para 10.645 (dados de 2002).

No entanto, do exame dos dados, convém ressaltar o fato de existirem 32.249 entidades de caráter meramente assistencialista, número que suplanta os relativos à Educação, Arte e à Cultura em sua totalidade, o que, realmente, é preocupante.

Não se pode desdenhar a importância da mobilização da sociedade contra a fome e a miséria, como os programas de “padarias solidárias”, “click leite”, “click fome” “Betinho”, e inúmeros outros. Nem tampouco deixar de reconhecer que muitas situações sociais são irreversíveis, pelo menos até o momento em que a ciência não descobriu, ainda, uma solução para as mesmas – a exemplo, deficiências físicas e psíquicas, problemas decorrentes da idade avançada, etc. No entanto, não se deve ignorar que tais ações, puramente emergenciais, minimizam sofrimentos atuais, mas não conseguirão reduzir o problema social, a médio e longo prazo, posto que a miserabilidade decorre de um círculo vicioso originado, sobretudo, pela falta de Educação.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação como o vortex do resgate de valores éticos e sociais, bem como da redução das diferenças (inclusão social), tornou-se voz corrente e predominante, mas, na prática, há muito a ser feito: tanto em quantidade como em qualidade no ensino.

As novas tecnologias, os recursos midiáticos contemporâneos, propiciaram a difusão de informações em grande escala, mas não houve, até o momento, um plano de ação conjunta entre as pastas políticas da Comunicação Social, Educação e Cultura para que esses “progressos” pudessem integrar-se a uma força-tarefa de real democratização do saber (conhecimento) com vistas a reduzir as diferenças sócio-econômicas no País.

Quanto às diferenças sócio-culturais e econômicas, “a humanidade, hoje como no passado, continua a ser uma máquina de fabricar diferenças, clivagens, particularidades, distinção de clãs, formas de falar, residências, classes, países, frações políticas, regiões, ideologias, religiões” (Warnier, 2003). Importante salientar que se faz necessário preservar a diversidade, sem contudo criar exclusão. Nesse pensar Warnier prossegue:

Estas clivagens perpetuam culturas existentes transmitidas pela tradição, localizadas, socializadas, verbalizadas, identificadoras e que preenchem uma função de bússolas individuais e coletivas. Estas culturas vivem e se transformam. Somente a noção de cultura consegue dar uma chave para decifrar os fatos da globalização dos mercados culturais, contextualizando-os, revelando a ilusão de

que consiste em extrair o mercado e a considerá-lo isoladamente, como um sistema fechado, totalizante, auto-suficiente e determinante. O mercado é um meio de troca globalizado. Evidentemente, ele globaliza os fluxos de objetos e de condutas. Mas, no mesmo movimento, ele abastece as sociedades de bens infinitamente diversificados, que servem para fabricar a diferença e a identidade “.

No mesmo sentido, Morin (2002) ressalta que “cabe à educação do futuro cuidar para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade.”

Os destinos da educação e a sua eficácia constituem grandes desafios no Século XXI. A globalização não tem resolvido questões fundamentais como a das desigualdades sociais (Hargreaves, 2004), sobretudo da exclusão das denominadas minorias (que constituem **maiorias** percentualmente) do processo educativo.

As desigualdades têm sido consideradas como a causa maior do desemprego, da violência, do terrorismo, dos problemas ecológicos, dentre outros, que colocam o planeta em alta situação de risco : verdadeiro circulo vicioso da miséria (econômica, cultural, de valores ético-sociais), a mencionada falta de cidadania.

Imbernón (2000) ressalta dois desafios da educação do futuro :

..a educação favorecerá a igualdade de oportunidades e a equidade , ou, pelo contrário, será um fator de seleção, de marginalização e de exclusão (?)

A partir desse questionamento, o autor analisa a importância do futuro da educação como **desenvolvimento da participação** e de **envolvimento político dos cidadãos**.

Neste aspecto, o Terceiro Setor tem desempenhado importante papel na mediação entre as comunidades - poder público, comunidades - empresariado-poder público.

Imbernón (2000) propõe linhas mestras: O direito à diferença e a recusa a uma educação excludente; Educação ambiental como mecanismo fundamental de preservação e melhoramento da natureza; reformulação da função dos professores; Alternativas à escola como espaço físico educativo (no sentido de que a educação ultrapassa as paredes das escolas). Ressalte-se que as entidades sociais brasileiras hoje ensinam em parques, nas ruas, nos depósitos de lixo... A escola está por toda parte.

A REVOLUÇÃO VERTICAL

De uma revolução”, dizia, (Hebert Smith)"é talvez o que precisa a América do Sul. Não de uma revolução horizontal, simples remoinho de contendas políticas, que servem para atropelar algumas centenas ou milhares de pessoas menos afortunadas. O mundo está farto de tais movimentos. O ideal seria uma boa e honesta revolução, uma revolução vertical e que trouxesse à tona elementos mais vigorosos, destruindo para sempre os velhos e incapazes."De que maneira se efetuará essa revolução?

"Espero", respondeu Smith, "que, quando vier, venha placidamente e tenha como remate a amalgamação, não o expurgo, das camadas superiores; camadas que, com todas as suas faltas e os seus defeitos, ainda contam com homens de bem. Lembrai-vos de que os brasileiros estão hoje expiando os erros dos seus pais, tanto quanto os próprios erros. A sociedade foi mal formada nesta terra, desde as suas raízes. Se as classes cultas se acham isoladas do resto da nação, não é por culpa sua, é por sua desventura. Não ousou afirmar que, como classe, os operários e tendeiros sejam superiores aos cavaleiros e aos grandes negociantes. A verdade é que são ignorantes, sujos e grosseiros; nada mais evidente para qualquer estrangeiro que os visite. Mas o trabalho dá-lhes boa têmpera, e a pobreza defende-os, de algum modo, contra os maus costumes. Fisicamente, não há dúvida que são melhores do que a classe mais elevada, e mentalmente também o se riam se lhes fossem favoráveis as oportunidades. (Holanda, 2004)

Ao ler o texto de Sérgio Buarque de Holanda, tem-se a impressão de que foi escrito hoje. Talvez o amálgama que poderá verticalizar a revolução brasileira esteja em sua coluna vertebral. Edificar os indivíduos para que estes possam edificar o Estado brasileiro pelo *Educar* ('educar' vem do latim *educare*, por sua vez ligado a *educere*, verbo composto do prefixo *ex* (fora) + *ducere* (conduzir, levar), e significa literalmente 'conduzir para fora', ou seja, preparar o indivíduo para o mundo)

O Terceiro Setor, nesse contexto, tem uma tarefa grandiosa nas mãos, aliado às escolas, aos discentes, e ao próprio Estado, para revolucionar, não pelo expurgo, mas pela inclusão, auxiliando na formação das denominadas *comunidades pedagógicas*.

Quando verificamos todos os problemas a serem enfrentados, chegamos realmente a pensar que “o Brasil não deu certo” e que não dará certo (sem saída?): isto no plano da convivência social, da conjuntura econômica, conjuntura política com instituições políticas instáveis, problemas de convivência, problemas na criação de regras impessoais, mas é necessário que nós, brasileiros, tenhamos a sabedoria em perceber que o povo brasileiro tem uma subjetividade notável, vitalidade urubá, filtrada pela ternura lusitana... que se reflete nas artes e na cultura. (Gianetti, 2000). Essa subjetividade, o próprio lado “cordial” brasileiro colabora para essa “amálgama” da revolução vertical, se bem aproveitado.

Esperamos poder incrementar “a luta”, pois “os Sertões” continuam atuais como nunca, como diz José Celso Martinez Corrêa (2005) e educar é como viver, exige a consciência do inacabado porque a "História em que me faço com os outros (...) é um tempo de possibilidades e não de determinismo" (Freire,1997)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELL, Daniel. *O advento Sociedade Pós-Industrial*, São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.
BERNSTEIN, B. 1986 *apud* IMBERNÓN, F(2000)
CARVALHO, Vladimir. *Barra 68, sem perder a ternura*. Documentário em Vídeo, 2001.
CELSE, José. *A luta - Primeira Parte - Peça Teatral*. São Paulo: Teatro Oficina, 2005.

DELORS , Jacques . *Educação um tesouro a descobrir*- Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF; UNESCO, 2004.

DINIZ, Maria Helena. *Curso de Direito Civil Brasileiro, 1º Volume, Teoria Geral do Direito Civil. 19 ed.* São Paulo: Saraiva, 2002.

DRUCKER ,Peter. *Admirável Mundo do Conhecimento*.HSM -Management, março/abril 1997, pp. 64-68.

_____ *Inovação e gestão.* Lisboa: Editorial Presença Ltda., 1986.

FEIJÓ, Martin Cezar. *As Políticas Culturais Da Globalização.* in Eduardo Brant (Org.) Políticas Culturais, São Paulo. 2002.

FREIRE, Paulo *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIANETTI, Eduardo. Documentário em filme da série “O Povo Brasileiro”- Parte 10. “Invenção do Brasil”. Cultura. Fundação Padre Anchieta, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.*26ª.Ed.São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HARGREAVES,Andy.*Sociedade do Conhecimento, Educação na Era da Insegurança segundo Andy Hargreaves*;São Paulo : Emissão TV Cultura -10 de março de 2005.

HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos / Horkheimer e Theodor W. Adorno*;tradução, Guido Antonio de Almeida. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

IBGE- Informação Econômica -As Fundações Privadas e Associações sem fins lucrativos no Brasil. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE- Estudos e Pesquisas –2002, Rio de Janeiro: IBGE,2004

IMBERNÓN, F. (org.) *A Educação no Século XXI- Os desafios do futuro imediato.* Porto Alegre : Artmed, 2000. “Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã”e Desafios e Saídas Educativas Na Entrada do Século.Ramón Flecha e Yolanda Tortajada

IOSCHPE, Evelyn Berg (coord).3º Setor.*Desenvolvimento Social Sustentado.*Rio de Janeiro: GIFE/Paz e Terra,1997.

MAYOR ,Federico (1991). Abertura do Colóquio Internacional sobre a Interdisciplinaridade aos 16 de abril de 1991.(www.unesco.org/fr)

MORIN,Edgar. *A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.* 9ª, Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2004.

_____ *As duas globalizações : complexidade e comunicação uma pedagogia do presente.* Porto Alegre, 2ª.Edição Sulina / EDIPUCRS, 2002.

_____ *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* 3a. ed. - São Paulo:Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2002

MONTAGÑO, Carlos. *Terceiro Setor e Questão Social. Crítica ao padrão emergente de intervenção social.*São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PUTNAM, Robert D. *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy,* Princeton University Press, 1992. Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa .*São Paulo: Companhia das Letras, 2001. – (Virando séculos; 7)

TORRES GONZÁLES, José Antonio. *Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas.* Porto Alegre: ArtMed, 2002.

WARNIER, Jean-Pierre. *Mundialização da Cultura.* Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Sites Consultados:

<http://www.orderofmalta.org/> acesso aos 13 de julho de 2005.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.